

Imortalidade da alma: anotações a partir do *Fédon* de Platão

Immortality of the soul: notes from Plato's *Phaedo*

FRANCISCO HÉLIO MOTA DA SILVA¹

Resumo: O objetivo deste estudo é realizar uma análise aprofundada sobre o conceito de imortalidade da alma, utilizando o diálogo *Fédon* de Platão como referência central. Neste diálogo, Sócrates, ciente de sua iminente ingestão de cicuta, discute alegremente e defende a imortalidade da alma. Ele expressa contentamento com a possibilidade de, após a morte, encontrar deuses benevolentes e homens mais virtuosos e justos. Para Sócrates, essa perspectiva constitui um motivo de júbilo, em vez de tristeza. A imortalidade da alma implica que ela não se extingue com a morte do corpo. Para corroborar essa tese, Sócrates engaja-se em um diálogo com Cebes e Símiias, apresentando argumentos que sustentam a eternidade da alma e refutam a noção de que a alma perece juntamente com o corpo. Este estudo tem como objetivo específico explorar os principais argumentos presentes no *Fédon*, enfatizando a imortalidade da alma e a maneira como Sócrates enfrenta a morte com serenidade e alegria, consciente de sua iminente ingestão de cicuta.

Palavras-chaves: Imortalidade da alma. Argumento Cíclico. Argumento da reminiscência.

Abstract: The objective of this study is to carry out an in-depth analysis of the concept of immortality of the soul, using Plato's dialogue *Phaedo* as a central reference. In this dialogue, Socrates, aware of his impending ingestion of hemlock, happily discusses and defends the immortality of the soul. He expresses contentment with the possibility of, after death, encountering benevolent gods and more virtuous and just men. For Socrates, this prospect constitutes a reason for joy rather than sadness. The immortality of the soul implies that it does not become extinct with the death of the body. To corroborate this thesis, Socrates engages in a dialogue with Cebes and Simias, presenting arguments that support the eternity of the soul and refute the notion that the soul perishes together with the body. This study has the specific objective of exploring the main arguments present in the *Phaedo*, emphasizing the immortality of the soul and the way in which Socrates faces death with serenity and joy, aware of his imminent ingestion of hemlock.

Keywords: Immortality of the soul. Cyclical argument. Argument from reminiscence.

Introdução

Desde a Antiguidade, os povos possuíam visões divergentes sobre a alma. Para o poeta Homero, o ser humano era essencialmente físico, e, sendo físico, a alma não constituía sua essência. Em contraste, muitos filósofos pré-socráticos acreditavam na existência de uma única alma no universo, da qual cada indivíduo

¹ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: franciscoheliomotadasilva34@gmail.com

era uma parte. Segundo os pitagóricos, o ser humano possuía uma alma que carregava uma culpa a ser expiada por meio de inúmeras reencarnações. Assim, acreditavam na reencarnação, que poderia ocorrer tanto em corpos humanos quanto em corpos de animais irracionais. Para os pitagóricos, a vida ideal envolvia purificar o corpo para cessar o ciclo de reencarnações.

Esta visão contrastava com a de Demócrito, que defendia que a alma não era imortal. Para ele, alma e mente eram uma única entidade, e o corpo surgia a partir do agrupamento de átomos que, com a morte do corpo, se separavam para formar novos seres. Havia também inúmeros filósofos que acreditavam que a alma perecia com a morte do corpo. Portanto, a visão sobre a alma variava significativamente entre diferentes povos e pensadores.

Com base na obra "Fédon" de Platão, a alma toma outra definição. Nesta obra, o personagem principal é Sócrates, e o diálogo narra seus últimos momentos, uma vez que ele foi condenado à morte por corromper a juventude ateniense, por não acreditar nos deuses e por introduzir novas divindades. Sócrates encontra-se alegre e feliz, pois acredita que a essência do homem é sua alma. Sendo a essência do homem a sua alma, ela não morre com o corpo. Assim, Sócrates defende que a alma é imortal e indestrutível.

Minutos antes de ingerir a cicuta, Sócrates demonstrava uma atitude de serenidade, acreditando que, ao morrer, encontraria homens mais virtuosos, mais sábios e deuses benevolentes. Fédon, um de seus discípulos, descreve a situação como peculiar, pois, apesar da iminência da morte, Sócrates mantinha-se alegre e engajado em discussões filosóficas. Fédon encontrava-se dividido entre a alegria pela felicidade de seu mestre e a tristeza pela sua morte iminente. Sócrates justificava sua tranquilidade com a crença na eternidade e indestrutibilidade da alma. Segundo ele, a morte do corpo permitiria à alma raciocinar livremente, sem as distorções induzidas pelos sentidos, que são fontes de dúvida e erro. Ele argumentava que a libertação do corpo permitiria à alma pensar de forma mais pura, visto que o corpo é uma prisão para a alma. Portanto, para Sócrates, a vida de um filósofo é uma preparação contínua para este momento de liberação. Como filósofo, seu dever é filosofar durante sua vida, e não faz sentido que ele, tendo se preparado a vida inteira para essa ocasião, sinta medo da morte. Se a

morte veio para ele, é porque os deuses assim decidiram, e, sendo os deuses os melhores tutores, cabe a ele obedecer. A morte é uma oportunidade de se livrar do corpo, que é um obstáculo que impede o homem de raciocinar melhor. Se ele tivesse medo de morrer, isso significaria que ele ama o corpo e não o conhecimento. Portanto, ao amar o saber, ele se alegra com a morte.

Com base nessa perspectiva, o presente trabalho deseja explorar os argumentos que sustentam a imortalidade e indestrutibilidade da alma, refutando a ideia de que a morte do corpo implica na morte da alma. Dessa forma, analisarei aprofundadamente os argumentos de Sócrates que reforçam a durabilidade eterna da alma. Além disso, Sócrates enfatiza que o verdadeiro filósofo deve estar sempre preparado para a morte, uma preparação que requer coragem. Para ele, a preparação para a morte não é um fim trágico, mas uma transição para um estado de existência em que a alma pode alcançar uma compreensão mais pura e verdadeira das coisas, livre das distrações e corrupções do corpo. Portanto, este trabalho visa aprofundar a compreensão dos argumentos socráticos sobre a imortalidade da alma e ilustrar como a coragem e a preparação filosófica para a morte são elementos centrais na filosofia de Sócrates.

A Defesa de Sócrates sobre a Imortalidade da Alma

Sócrates argumenta que sua morte não deve ser motivo de tristeza, mas de alegria, pois ele encontrará deuses justos e homens mais sábios e virtuosos. Ele explica que, separado do corpo, a alma alcançará uma alegria que jamais poderia experimentar no mundo físico. A ausência de perturbações corporais permitirá à alma aprofundar-se em questões filosóficas com maior precisão e clareza, sem ser induzida ao erro.

A libertação das dores físicas e das distrações dos sentidos (olfato, paladar, visão, audição e tato) permitirá à alma buscar a verdade de forma pura e livre de enganos. Sócrates defende que os sentidos frequentemente levam ao erro, mas a razão, quando não perturbada, pode conduzir à verdade completa. Assim, ele conclui que a morte é um passo necessário para alcançar o conhecimento verdadeiro e absoluto.

As palavras de Sócrates suscitaram esta réplica de Cebes: "Tudo isso é, na minha opinião pessoal, muito bem dito, ó Sócrates; mas de tudo isso excetuo todas aquelas coisas que dizem respeito à alma e que são, para os homens, uma fonte abundante de incredulidade. Talvez, dizem eles, uma vez separada do corpo, a alma não exista mais em nenhuma parte e talvez, com maior razão, seja destruída e pereça no mesmo dia em que o homem morre. Talvez desde o momento dessa separação, se evolue do corpo para dissipar-se tal como um sopro ou uma fumaça, e que assim separada e dispersa nada mais seja em parte alguma. E em conseqüência, se fosse verdade que em qualquer parte ela se houvesse concentrado em si mesma e sobre si mesma, depois de se ter desembaraçado daqueles males que há pouco passaste em revista, que grande e bela esperança, Sócrates, nasceria da verdade de teu discurso ! Isso, todavia, requer sem dúvida uma justificação, a qual provavelmente não há de ser coisa fácil, para fazer crer que depois da morte do homem a alma subsiste com uma atividade real e com capacidade de pensar (PLATÃO, 1991, p. 125)

Ao término da fala de seu discípulo, Sócrates declarou: "É verdade, Cebes" (PLATÃO, 1991, p. 126). Com essa afirmação, Sócrates introduz o argumento Cíclico ou dos Opostos, que postula que as coisas surgem a partir de seus contrários. Para que a ideia de doença exista, deve haver a ideia de saúde; de forma análoga, o conceito de calor pressupõe o conceito de frio. Segundo o filósofo, tudo é gerado a partir de seus contrários. Sócrates observa que prazer e dor não podem coexistir simultaneamente, o que reforça sua crença de que um estado surge do outro.

Em termos emocionais, a busca pela felicidade implica que, eventualmente, seu oposto, a tristeza, também será experienciado. Assim, as coisas não surgem do nada, mas dos seus opostos. Quando um contrário existe, ele necessariamente cede lugar ao seu oposto. Desta maneira, os contrários não coexistem; ao invés disso, um exclui o outro.

Sócrates utiliza este argumento para defender a imortalidade da alma. Se o calor surge do frio e vice-versa, então o mesmo se aplica a todos os fenômenos. Uma pessoa grande foi pequena anteriormente, uma máquina que se torna pior foi melhor em algum momento, e alguém que é injusto já foi justo. Através da dialética, Sócrates conduz Cebes a entender que, assim como todos os opostos, a vida e a morte são interdependentes. Um ser vivo que cessa de viver morre, e algo que morre retorna à vida.

Sócrates conclui que os vivos surgem dos mortos, demonstrando que tudo o que existe possui um oposto. Esse raciocínio conduz à aceitação de que os contrários não podem coexistir e que a existência de um implica a eventual manifestação do outro. Com isso, Sócrates refuta a ideia de que a alma perece junto com o corpo. Ele argumenta que, assim como o homem que morre tem seu oposto, que é o renascer, a alma, sendo a essência do homem, não morre quando o corpo perece.

Ele afirma que a alma é imortal e, mesmo que não seja pura, retorna a um corpo ao longo do tempo. Sócrates sugere que a continuidade da alma após a morte do corpo é uma consequência lógica. Assim, ele postula que a alma, ao se separar do corpo, não só sobrevive, mas também mantém sua existência ao reencarnar quando é impura.

— Em verdade, Sócrates — tornou então Cebes — é precisamente esse também o sentido daquele famoso argumento que (suposto seja verdadeiro) tens o hábito de citar amiúde. Aprender, diz ele, não é outra coisa senão recordar. Se esse argumento é de fato verdadeiro, não há dúvida que, numa época anterior, tenhamos aprendido aquilo de que no presente nos recordamos. Ora, tal não poderia acontecer se nossa alma não existisse em algum lugar antes de assumir, pela geração, a forma humana. Por conseguinte, ainda por esta razão é verossímil que a alma seja imortal. (PLATÃO, 1991, p.131)

Logo após Sócrates apresentar o argumento cíclico, Cebes relembra o argumento da reminiscência ou da recordação. Nesse momento, Símiias solicita a Sócrates que reitere esse argumento para esclarecer a imortalidade e a eternidade da alma. Sócrates afirma que, quando uma pessoa se lembra de algo, é evidente que, em algum momento no passado, ela já teve conhecimento desse fato. Assim, aprender pode ser entendido como lembrar algo que foi esquecido. Por exemplo, quando amantes da lira veem a lira de seu mestre, eles se lembram do mestre. Da mesma forma, quando alguém vê um livro escrito por seu professor, lembra-se do professor. Esse processo é chamado de recordação, que consiste em lembrar algo que havia sido esquecido.

Esquecer não é abandonar completamente, e a recordação pode ocorrer por meio de coisas semelhantes ou diferentes. Por exemplo, ao ver um cavalo, alguém

pode se lembrar de um homem, e ao ver um homem, pode recordar outro amigo. Dessa forma, o ser humano recorda a verdade que já está dentro dele. Segundo Sócrates, se a alma é imortal, então ela existe antes do corpo. Nesse sentido, a alma aprendeu no passado e, ao cair no corpo, passou por um processo de esquecimento. Assim, o que chamamos de aprendizado é, na verdade, a recordação do que já sabíamos.

O filósofo deve, portanto, se ocupar com as coisas da alma e lutar contra os prazeres e vícios que os sentidos do corpo impõem como obstáculos. O verdadeiro filósofo é aquele que ignora as coisas mundanas e vive filosofando. Antes de cair no corpo, a alma tinha contato com o conhecimento verdadeiro e imutável, ao contrário do que os sentidos nos mostram, pois tudo o que a visão e os outros sentidos fornecem está em constante transformação e pode nos levar ao erro.

Como aprender é recordar, é necessário utilizar objetos do plano sensível, que são cópias imperfeitas das coisas do plano inteligível. Tudo o que enxergamos e tocamos é imperfeito, enquanto as coisas perfeitas pertencem ao plano inteligível. Quando o filósofo percebe algo pelos sentidos e se aprofunda, ele tenta lembrar a forma verdadeira que está no plano inteligível, a qual conheceu antes de cair no corpo. Sócrates, por meio da dialética, conduz seus discípulos a concordar que a alma é imortal e possui conhecimento verdadeiro antes de se unir ao corpo. Esse processo de aprendizado, entendido como recordação, implica que a alma, ao entrar no corpo, passa por um esquecimento. Portanto, a percepção sensível serve apenas como um estímulo para a alma lembrar as formas perfeitas e verdadeiras que conhecia anteriormente no plano inteligível.

Diante disso, para reforçar o argumento da reminiscência, Sócrates apresenta o argumento da igualdade. Não se trata da igualdade em relação a um lápis com outro lápis, nem de uma pedra com outra pedra, mas da igualdade em si. Ao analisarmos bem, quando comparamos uma pedra com outra pedra, encontramos imperfeições. Da mesma forma, ao comparar uma folha com outra folha, existem diferenças, como variações na cor, no peso e em outros fatores. Surge, então, a pergunta: se temos a palavra "igualdade" como algo igual e se os objetos corpóreos são diferentes, de onde surgiu a ideia de igualdade?

No plano sensível, ao comparar objetos, eles podem parecer idênticos à primeira vista, mas, ao observarmos com mais atenção, percebemos imperfeições. Assim, as coisas no plano sensível não contêm a ideia de igualdade. Portanto, a ideia que temos de igualdade é uma recordação do plano inteligível. Dessa forma, as coisas que estão no plano físico são inferiores ao plano metafísico. Antes de nascermos, adquirimos o conhecimento da igualdade por si mesmo, da mesma forma que construímos a ideia de bom, justo, do menor e do maior. E quando a alma fica presa ao corpo, ocorre um esquecimento, e por meio dos sentidos, gera-se uma recordação, que muitos chamam de aprendizagem. Logo, a alma possui esse conhecimento antes de cair no corpo, evidenciando que a alma surge antes do corpo e é dotada de inteligência.

— Em conseqüência, Símias, se existe, como incessantemente o temos repetido, um Belo, um Bom, e tudo o mais que tem a mesma espécie de realidade; se é a essa realidade que relacionamos tudo o que nos provém dos sentidos, porque descobrimos que ela já existia, e que era nossa; se, enfim, à realidade em questão comparamos esses fenômenos — então, em virtude da mesma necessidade que fundamenta a existência de tudo isso, podemos concluir que nossa alma existia já antes do nascimento. Suponhamos, ao contrário, que tudo isso não exista. Não seria, então, pura perda o que estivemos a demonstrar? Não é desta forma que se apresenta a situação? Não há acaso uma igual necessidade de existência, tanto para esse mundo ideal, como também para nossas almas, mesmo antes de termos nascido, e a não-existência do primeiro termo não implica a não-existência do segundo? (PLATÃO, 1991, p.138 - 139)

Com base no argumento da reminiscência, Sócrates demonstrou que, antes do corpo existir, as ideias que utilizamos foram adquiridas previamente. Portanto, a alma, sendo a essência do homem, deve ter existido antes do corpo. Após essa demonstração, Cebes observou que Sócrates apenas provou a preexistência da alma em relação ao corpo, mas não abordou a questão de sua sobrevivência após a morte do corpo. Percebendo a necessidade de uma argumentação adicional, Sócrates apresentou o argumento da finalidade, uma vez que os argumentos anteriores não eram suficientes para estabelecer a imortalidade da alma.

Nesse contexto, Sócrates inicia o argumento da finalidade, explorando a relação entre a natureza da alma e a do corpo. Ele argumenta que, no plano sensível, existem entidades compostas que inevitavelmente se desintegram. A existência de coisas compostas implica a existência de entidades que possuem uma identidade própria. Essas entidades identitárias são conceitualmente distintas das compostas, pois aquilo que possui identidade permanece inalterado e constante.

Com base nessa distinção entre entidades compostas e identitárias, Sócrates analisa a verdadeira natureza da existência. Conceitos como igualdade, bondade, justiça, beleza e amor em sua essência permanecem constantes na identidade e, portanto, não se alteram. Em contraste, entidades no plano físico, como cavalos, roupas e humanos, estão sujeitas a mudanças ao longo do tempo, indicando que não pertencem à identidade constante.

Ao analisar as entidades compostas como distintas da identidade, observamos que elas podem ser percebidas e tocadas, pertencendo ao plano sensível. Essas mudanças são detectadas através dos sentidos. As entidades identitárias, por outro lado, são percebidas apenas através da inteligência, sendo imateriais, e não podendo ser vistas nem tocadas.

Consequentemente, Sócrates distingue dois tipos de planos: o visível e o invisível. O plano visível não preserva sua identidade, enquanto o plano invisível a conserva. O corpo, sendo tangível e sujeito a transformações, pertence ao plano visível. A alma, por ser imaterial e intangível, pertence ao plano invisível, preservando assim sua identidade.

Ao examinar a essência do ser divino e do ser mortal, deparamo-nos com a noção de que a alma se assemelha ao divino, enquanto o corpo se alinha ao mortal. Desta forma, a alma revela-se imortal, uma vez que sua natureza espelha a essência em si mesma, permanecendo invariável ao longo do tempo. Em contraste, o corpo, sujeito à transformação, carece de identidade permanente. Sendo mortal, o corpo está destinado à decadência, ao passo que a alma, por sua imortalidade, persiste.

Consequentemente, a alma dirige-se para uma esfera que lhe é análoga. Se, durante sua existência corpórea, a alma se dedicou à filosofia, afastando-se dos

prazeres sensoriais, das riquezas e das distrações mundanas, e se consagrou à busca do conhecimento e à compreensão das essências através do intelecto, ao se separar do corpo, ela se encontrará em estado de pureza. Tal vida filosófica prepara a alma para habitar um domínio compatível com sua natureza, permitindo-lhe alcançar a felicidade suprema, livre das limitações e ilusões corporais. Assim, a alma, despojada dos erros do corpo, das enfermidades e das paixões, passa a eternidade em comunhão com os deuses.

Por outro lado, existe a alma impura, aquela que se apega ao corpo e é dominada pelos sentidos, rejeitando a vida filosófica. Quando esta alma se separa do corpo, ela permanece corrompida, avessa à natureza do invisível. Ligada ao corpo pelos prazeres a que se entregou, a alma torna-se pesada e, incapaz de se libertar, é arrastada de volta ao plano físico, reencarnando em um corpo visível. Neste contexto, a reencarnação surge como um castigo por uma existência anterior vivida na injustiça. Uma alma impura reencarna em formas que refletem sua natureza degradada, como a de lobos.

Em contraste, uma alma que, embora tenha vivido uma vida correta, não se dedicou à filosofia, reencarnará em formas mais elevadas, porém ainda mundanas, como a de formigas ou mesmo em um corpo humano. Portanto, para transcender o ciclo de reencarnação, é imperativo levar uma vida filosófica. Só assim, ao se separar do corpo, a alma poderá se encontrar em estado de pureza, rejeitando as influências corpóreas e alcançando sua verdadeira essência.

— Vou dizer-te. É uma coisa bem conhecida dos amigos do saber, que sua alma, quando foi tomada sob os cuidados da filosofia, se encontrava completamente acorrentada a um corpo e como que colada a ele; que o corpo constituía para a alma uma espécie de prisão, através da qual ela devia forçosamente encarar as realidades, ao invés de fazê-lo por seus próprios meios e através de si mesma; que, enfim, ela estava submersa numa ignorância absoluta. E o que é maravilhoso nesta prisão, a filosofia bem o percebeu, é que ela é obra do desejo, e quem concorre para apertar ainda mais as suas cadeias é a própria pessoa! Assim, digo, o que os amigos do saber não ignoram é que, uma vez tomadas sob seus cuidados as almas cujas condições são estas, a filosofia entra com doçura a explicar-lhes as suas razões, a libertá-las, mostrando-lhes para isso de quantas ilusões está inçado o estudo que é feito por intermédio dos olhos, tanto como o que se faz pelo ouvido e pelos outros sentidos;

persuadindo-as ainda a que se livrem deles, a que evitem deles servir-se, pelo menos quando não houver imperiosa necessidade; recomendo-lhes que se concentrem e se voltem para si, não confiando em nada mais do que em si mesmas, qualquer que seja o objeto de seu pensamento. Que não creiam enfim senão no próprio testemunho desde que tenham examinado bem o que cada coisa é na sua essência e que se persuadam de que as coisas que são examinadas por meio de um intermediário qualquer nada possuem de verdadeiro, e pertencem ao gênero do sensível e do visível enquanto que o que elas vêem pelos seus próprios meios é inteligível e, ao mesmo tempo, invisível! (PLATÃO, 1991, p.149 - 150)

O filósofo consagra sua existência à contemplação e ao afastamento dos prazeres sensoriais, empregando a filosofia como meio para interromper o ciclo de reencarnações. Sua busca é pela verdade inerente à própria essência. Sócrates, em seus diálogos, apresentou o Argumento Cíclico, o Argumento da Reminiscência e o Argumento da Finalidade. Ele afirma que até os cisnes, ao se aproximarem da morte, cantam e se regozijam, pois a morte os conduz à companhia dos deuses. Eles não cantam em momentos de tristeza, mas sim de felicidade. De maneira análoga, Sócrates declara que, diante da iminência da morte, ele se alegra, pois tem a convicção de que a alma é imortal e indestrutível, destinada a um lugar que lhe é apropriado. Contudo, mesmo após essas elucidações, Símiias e Cebes permanecem apreensivos. Em busca de uma confirmação sobre a imortalidade da alma, Símiias propõe a seguinte indagação:

Portanto, se justamente a alma é uma harmonia, a coisa é clara: desse modo sempre que nosso corpo for excessivamente relaxado ou retesado pelas doenças ou por outros males, é necessário que a alma, apesar de divina, seja logo destruída como as outras harmonias, quer se realizem em sons, quer em outras formas de arte; ao passo que o despojo corporal resiste ainda por muito tempo, até o dia em que o tenha destruído o fogo ou a putrefação. Examina, pois, Sócrates, o que poderíamos objetar a essa teoria segundo a qual a alma, sendo a combinação dos elementos de que é feito o corpo, deve ser destruída em primeiro lugar quando sobrevém aquilo a que chamamos morte. (PLATÃO, 1991, p.155)

Símiias argumenta que a lira, por possuir matéria, pode ser pesada e tocada, caracterizando-se, assim, pela sua natureza visível. Em contraste, a harmonia da lira não pode ser tocada, nem apreendida pelos sentidos, pois pertence à natureza

do invisível. Com isso, Símiás estabelece uma analogia entre a alma e a harmonia, sugerindo que a alma é de natureza invisível, tal como a harmonia.

Ele prossegue argumentando que, quando a lira se encontra em um estado deplorável e suas cordas se rompem, torna-se impossível tocá-la. Consequentemente, a harmonia desaparece, visto que as cordas foram destruídas, indicando que o corpo da lira persiste mais tempo do que a sua harmonia. Símiás conclui, portanto, que a alma e a harmonia são análogas, o que implicaria que o corpo sobreviveria à alma.

Sócrates, ao ouvir os argumentos de Símiás, recorda-lhe que ele concordou com a noção de que o aprendizado ocorre antes da encarnação. Sócrates então examina e refuta a analogia de Símiás, argumentando que a alma não pode ser idêntica à harmonia. Ele ressalta que, enquanto a lira pode ser afinada e seu som ajustado, a alma não possui gradações comparativas entre uma e outra. Assim, uma alma não pode estar mais ou menos em harmonia do que outra.

Além disso, Sócrates destaca que a alma, sendo de natureza invisível e divina, tem o poder de governar o corpo de acordo com a razão. A alma pode ordenar as paixões corporais ou resistir a elas, permanecendo imutável em si mesma. A capacidade da alma de governar e dirigir o corpo, resistindo às ilusões sensoriais para alcançar a verdade e controlando as emoções como o ódio, indica que a alma não poderia ser dominada pelas paixões corporais se fosse uma harmonia. Pelo contrário, é mais razoável que a alma domine as paixões do corpo.

Conclui-se, portanto, que a alma é anterior ao corpo, assim como a lira é anterior à harmonia. Se a alma fosse idêntica à harmonia, então a harmonia deveria preceder a lira, o que contraria a argumentação inicial de Símiás. Dessa forma, foi apresentado o argumento da lira. Dessa maneira, Sócrates convence Símiás de que a alma e a harmonia não são a mesma coisa. Logo, Cebes apresenta seu raciocínio:

"Contudo, segundo penso, as coisas não se passam assim, Símiás; e, portanto, deves tu também prestar atenção ao que vou dizer, pois no que respeita à argumentação precedente, todos podem facilmente perceber sua ingenuidade. E vou prová-lo: se é verdade que o desaparecimento de nosso tecelão, após haver

usado uma multidão de tais vestuários e de haver tecido outros tantos, ocorre depois deles todos, mas antes daquele que foi sua última vestimenta, aí não se encontra menor motivo para afirmar que o homem seja inferior às suas vestes e mais frágil do que elas! Pois bem: esta mesma imagem, se não me engano, é aplicável à alma em sua relação com o corpo. Quem fizer uso dela dirá (acertadamente, no meu entender) que a alma é coisa durável, e o corpo, por seu lado, coisa frágil e de menor duração. Quem assim fizer, poderá acrescentar ainda que cada alma usa diversos corpos, principalmente se ela vive muitos anos, pois sendo o corpo — como é possível supor — uma torrente que se esvai enquanto o homem vive, a alma incessantemente renova o seu vestuário perecível. Mas, assim mesmo, é necessário que a alma, no dia em que for destruída, se revista com a última vestimenta que teceu e que seja esta a única anteriormente à qual tenha lugar esta destruição. Uma vez aniquilada a alma, o corpo patentearia desde logo a sua fragilidade essencial e, caindo em podridão, não tardaria a desaparecer definitivamente. (PLATÃO, 1991, p. 156 - 157)

De antemão, Cebes sustenta a posição de que a alma é mais durável do que o corpo. Ele defende que a alma preexiste à sua incorporação no corpo físico, mas questiona sua imortalidade e indestrutibilidade. Cebes utiliza uma analogia para ilustrar sua tese: assim como uma vestimenta, ao ser usada repetidamente por um homem, inevitavelmente se desgasta e perece, a alma, ao passar por múltiplas reencarnações, também se desgastaria e, eventualmente, deixaria de existir.

Portanto, ele argumenta que, embora a alma possua uma maior longevidade em comparação ao corpo, devido ao conhecimento que detinha antes de sua queda no corpo, isso não implica em sua eternidade. Desse modo, ele conclui que, embora seja evidente que o corpo é menos durável que a alma, permanece incerto se a alma continua a existir após a morte do corpo. Dado que a alma transmigra por diversos corpos ao longo do tempo, chegará um ponto em que ela também encontrará seu fim. Assim, Cebes considera insensato não temer a morte, a menos que se possa demonstrar que a alma é, de fato, imortal.

Sócrates, ao examinar a argumentação de Cebes, inicia sua análise pela investigação das causas das gerações e corrupções, afirmando que, em tempos anteriores, considerava louvável compreender a etiologia de cada fenômeno, questionando se seria o frio ou o calor a originar um ser. Acreditava que o crescimento ocorria mediante a ingestão de alimentos e líquidos, até tomar

conhecimento de um tratado de Anaxágoras, que postulava que a causa primordial de todas as coisas era o Espírito.

Esta concepção parecia-lhe extraordinária, levando-o a inferir que a causa de todas as coisas não poderia ser arbitrária, mas deveria ser a melhor possível. Encheu-se de júbilo ao encontrar alguém que pudesse elucidar as causas de tudo, dedicando-se à leitura dos escritos de Anaxágoras. No entanto, ao examiná-los, percebeu que, em várias passagens, a inteligência (Espírito) era substituída por elementos físicos como ar, água, fogo, e outras substâncias que careciam de fundamentação adequada.

Assim, Sócrates concluiu que era imperativo analisar os fenômenos com serenidade e rigor lógico, utilizando a razão como instrumento para alcançar a verdade. Ele argumentou que, no plano sensível, existem entidades belas, mas que também existe a Beleza em si. No domínio físico, as pessoas falam de justiça, mas também existe a Justiça em si. Desta forma, há uma ideia de bondade e grandeza em si mesmas, e os objetos que denominamos belos participam da Beleza em si.

Sócrates conduz Cebes a concordar que certas entidades, por sua própria essência, não podem ser contraditórias a outras. Ele exemplifica afirmando que a ideia de "três" não possui um contrário, e que o número três é essencialmente ímpar, sendo impossível que o número três seja par. Desta maneira, o três não possui um oposto, mas ainda assim, algumas entidades não são contraditórias a certas outras, excluindo-as como se fossem seus opostos.

Diante de todas as considerações apresentadas, Sócrates procede a uma série de perguntas dirigidas a Cebes, iniciando com a interrogação: "Existe um contrário da vida, ou não?" (PLATÃO, 1991, p.184). Este questionamento leva a um exame minucioso das noções de vida e morte, culminando na pergunta: "A alma não admite a morte, pois não é?" (PLATÃO, 1991, p.184), à qual Cebes responde afirmativamente.

Sócrates, utilizando a metodologia dialética, prossegue com uma indagação subsequente: "Logo, a alma é imortal?" (PLATÃO, 1991, p.184). Cebes, seguindo a linha de raciocínio desenvolvida por Sócrates, confirma a imortalidade da alma.

Considerações finais

Por fim, Sócrates, fundamentado em seus estudos ao longo de sua vida, concluiu que a alma, além de existir, é eterna e indestrutível. Ele utilizou uma variedade de argumentos e submeteu-os a uma análise rigorosa pela razão, descartando as percepções sensoriais que podem levar ao erro. Dessa maneira, a ideia de que a alma perece com o corpo é invalidada, estabelecendo a comprovação de que a alma é imortal e indestrutível. Sócrates ainda afirmou a importância de cuidar da alma ao longo da vida, e não apenas nos momentos finais da existência.

— Quanto a mim — disse Cebes — não tenho, caro Sócrates, - depois disso nada mais a ajuntar, nem nada a apresentar contra a tua demonstração. Se há, todavia, alguma coisa que Símiás aqui presente, ou alguém mais, tenham a dizer, será bom que não silenciem. Pois haverá outra ocasião, além desta, para a qual possa adiar o desejo de falar ou de ouvir falar sobre tais questões? Tampouco eu — confessou Símiás — jamais poderia duvidar, após essas demonstrações — mas, apesar disso, devido à magnitude da matéria tratada e por desconfiança em face da fraca natureza humana, acho necessário não confiar na discussão. (PLATÃO, 1991, p. 187)

32

Referências

KANT, I. *Resposta à pergunta: O que é o Esclarecimento?* Textos Seletos. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 205-210.

PEREIRA, M. “Sócrates e a Imortalidade da alma.” In: D’ALVA, Oscar; FILHO, Souza. *Cadernos de Filosofia do Direito VIII*. Fortaleza; Imprece, 2013. p. 261 – 279.

PLATÃO. *Fédon*. Tradução: SOUZA, José; PALEIKAT, Jorge; COSTA, João. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

REALE, G. & ANTISERI, D. *História da Filosofia*. v. I. São Paulo: Paulus, 1990.

Submissão: 12. 07. 2024

/

Aceite: 25. 08. 2024